

Sem lugar para tratar os doentes

Decisão de Frejat preocupa autoridades das cidades mais próximas do DF. Falta de infra-estrutura hospitalar é geral

12 AGO 1999

Ana Helena Paixão
Da equipe do Correio

A guerra já começou. Prefeitos e secretários de Saúde de municípios vizinhos ao Distrito Federal estão preocupados com as últimas declarações do secretário de Saúde, Jofran Frejat. Segundo o Ministério da Saúde repassa mais verbas ao GDF, dando condições aos hospitais públicos de receber pacientes de outros estados, ou estes só terão da Fundação Hospitalar atendimentos emergenciais. Quem precisar de tratamento terá que recorrer ao seu estado de origem.

Um dos argumentos do secretário para deixar de atender pacientes de fora no DF é a falta de verbas para esses tratamentos "excedentes". No entanto, o Ministério da Saúde repassa recursos, para atendimento a pacientes tratados fora de sua cidade de origem, a todos os estados do país. A Câmara de Compensação do ministério distribui, por mês, em torno de R\$ 5 milhões aos estados brasileiros. De agosto do ano passado até agora, o DF recebeu R\$ 502.815,86.

Mas Frejat considera os recursos insuficientes. "O valor pago pela Câmara de Compensação não cobre os custos que temos com pacientes de fora", afirma. Isso, explicou o secretário, porque freqüentemente o doente fornece o endereço de algum familiar residente em Brasília. "Nossa cidade tem uma característica especial: é formada por gente de todos os estados. Todo mundo tem um parente ou amigo morando aqui", ponderou.

Apesar de o secretário garantir ter recebido apoio da comunidade e do Conselho Regional de Medicina (CRM), nas cidades

vizinhas já surgem reações contrárias à decisão. "Isso é inviável. Não temos condições de tratar pacientes em estado grave. Se Brasília recusar nossos doentes, teremos que mandá-los para Goiânia. Eles morrerão no caminho", avalia o secretário de Saúde de Alto Paraíso (GO), Alan Gonçalves Barbosa.

Alto Paraíso tem apenas um hospital, que começou a ser construído em 1993 e ainda não foi concluído. "Funcionamos com 10% a menos da nossa capacidade. Todos os casos emergenciais vão para o DF, principalmente para o Hospital Regional de Sobradinho (HRS), o mais próximo", destaca Barbosa.

Segundo ele, mensalmente cerca de 30 pacientes são encaminhados por médicos de Alto Paraíso para hospitais do DF. Pouco se comparado aos 179 pacientes vindos de Unaí (MG) em julho e os 173 em agosto.

"E não é só morador de Unaí. Encaminhamos também pacientes de Arinos, Buritis, Uruana e Cabeceira Grande (cidades mineiras). Aqui, temos apenas um pronto-socorro, com quatro leitos", destaca a diretora de Saúde de Unaí, Maria de Fátima Gonçalves Justino.

Assim, todos os casos de hemodiálise, acidentes graves de trânsito, ortopedia e cirurgias são "exportados" — principalmente para os hospitais Regional da Asa Norte (Hran), de Base (HBDF), Materno-Infantil (Hmib) e Regional de Sobradinho, pela proximidade. Cabeceiras de Goiás faz o mesmo. O prefeito Hozana Martins de Paiva calcula que, por mês, 100 pessoas são encaminhadas para tratamento médico no DF. Principalmente no HRS.